

As mídias e redes sociais sob controle, os algoritmos, a linguagem e a cultura no (eco) sistema digitalização³¹

Controlled social media and networks, algorithms, language and culture in the digital (eco) system

Los medios y redes sociales bajo control, los algoritmos, el lenguaje y la cultura em el (eco) sistema digital

311

Osvando J. de Moraes³², Denis Renó³³

Resumo

A experiência midiática nesta segunda década deste século se expande de maneira enfática no uso engenhoso dos algoritmos, resultando no controle dos espaços privados virtuais que, como sistema digital carece aprofundar os estudos dos conceitos, em um enquadramento multidisciplinar. Os avanços tecnológicos, as mudanças e práxis forjaram necessárias e constantes atualizações não só dos conceitos, mas também das linguagens e culturas a exigirem um dinamismo nas interpretações frente às obsolescências das técnicas. O objetivo deste artigo é o de pensar e organizar a questão da técnica que justifica esta nova realidade. Outro propósito é o de entender e analisar este momento fugaz como um ritual tecnológico na construção dos vários sentidos do conceito de mídia no contexto digital que dá sustentação e redimensiona também os conceitos de cultura que está eclipsada pelas facilidades algorítmicas, usadas como ferramenta de controle social racional,

³¹ Artigo parcialmente financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, ref. Processo 2019/19337-1.

³² Professor de la Universidad Estadual Paulista – UNESP (Brasil). E-mail: osvando.j.morais@unesp.br
Número de ORCID: <https://www.orcid.org/0000-0002-9882-0159>

³³ Professor de la Universidad Estadual Paulista – UNESP (Brasil). E-mail: denis.reno@unesp.br. Número de ORCID: <https://www.orcid.org/0000-0003-0837-4261>

mas politicamente sofisticadas. Nesta análise hermenêutica, propõe-se avaliar as práticas, os efeitos e as elaborações digitais com suas implicações nas linguagens que sempre acompanham as revoluções tecnológicas. Importante acrescentar que além de fazer um levantamento das ideias, usos e práticas, este trabalho tem como atenção central fazer reflexões sobre as implicações da revolução tecnológica e os reflexos nos conceitos, que são fundamentais às leituras críticas das mídias e os desdobramentos nas relações humanas.

Palavras-chave

Comunicação; Linguagem; Hermenêutica; Tecnologias digitais.

Abstract

The media experience in this second decade of this century emphatically expands in the ingenious use of algorithms, resulting in the control of virtual private spaces that, as a digital system, needs to deepen the studies of the concepts in a multidisciplinary setting. Technological advances, changes and praxis forged necessary and constant updates not only of the concepts, but also of the languages and cultures to require a dynamism in the interpretations in the face of the obsolescence of the techniques. The objective of this article is to think and organize the question of the technique that justifies this new reality. Another purpose is to understand and analyze this fleeting moment as a technological ritual in the construction of the various feelings of the concept of the medium in the digital context that offers support and also re-dimensions the concepts of culture that is eclipsed by algorithmic facilities, used as a tool of rational social control, but politically sophisticated. In this hermeneutic analysis, it is proposed to evaluate digital practices, effects and elaborations with their implications in the languages

that always accompany technological revolutions. It is important to add that in addition to collecting ideas, uses and practices, this work has as its central focus to reflect on the implications of the technological revolution and the reflections on the concepts, which are fundamental to critical readings of the media and the unfolding in human relationships.

Keywords

Communication; Language; Hermeneutics; Digital technologies.

Resumen

La experiencia mediática en esta segunda década de este siglo se expande de manera enfática en el uso ingenioso de los algoritmos, resultando en el control de los espacios privados virtuales que, como sistema digital necesita profundizar los estudios de los conceptos en un encuadre multidisciplinario. Los avances tecnológicos, los cambios y praxis forjaron necesarias y constantes actualizaciones no solo de los conceptos, pero también de los lenguajes y culturas a exigieren un dinamismo en las interpretaciones frente a las obsolescencias de las técnicas. El objetivo de este artículo es lo de pensar y organizar la cuestión de la técnica que justifica esta nueva realidad. Otro propósito es lo de entender y analizar este momento fugaz como un ritual tecnológico en la construcción de los varios sentidos del concepto de medio en el contexto digital que ofrece sustentación y re-dimensiona también los conceptos de cultura que está eclipsada por las facilidades algorítmicas, usadas como herramienta de control social racional, pero políticamente sofisticadas. En este análisis hermenéutica, se propone evaluar las prácticas, los efectos y las elaboraciones digitales con sus implicaciones en los lenguajes que siempre acompañan las revoluciones tecnológicas. Importante

sumarse que además de hacer una recolección de ideas, usos y prácticas, este trabajo tiene como atención central hacer reflexiones sobre las implicaciones de la revolución tecnológica y los reflejos en los conceptos, que son fundamentales a las lecturas críticas de los medios y los desdoblamientos en las relaciones humanas.

Palabras-clave

Comunicación; Lenguaje; Hermenéutica; Tecnologías digitales.

Prolegômenos - considerações iniciais

A revolução digital em sua complexidade amplia indefinidamente as ideias e conceitos sobre as transformações tecnológicas que devem ser constantemente melhor justificadas no processo que deve fundamentar obrigatoriamente as atualizações em relação aos algoritmos (GILLESPIE, 2013). Neste contexto, as ideias e outras tantas que surgiram até meados do século XX são importantes para se pensar e atualizar os atuais conceitos de mídia e de linguagem digital como as percebemos na atualidade, forjados pela prática. São conceitos emergentes e necessários às análises das questões fundamentais neste momento. O objetivo principal deste trabalho é reunir a partir das discussões de nossas análises sobre os conceitos de Técnica e Tecnologia, permeados e irmanados pela prática, argumentos que poderão fundamentar envolver, retomar e reconstruir o conceito de mídia que é amplo e aberto e, por isso, capaz de sustentar e ampliar as discussões sobre as mídias sociais e a digitalização algorítmica, sintetizando a lógica das revoluções, impondo pensar melhor o século XXI, que funciona como um Mapa do desenvolvimento da tecnologia, registrando uma contínua transformação, quase ilimitada no sentido de gerar, transformar, armazenar, transmitir, processar e recuperar a informação.

Os resultados dos procedimentos digitais começaram a parecer como dimensão filosófica a partir da análise da ideia de que [...] “todo o nosso conhecimento começa pela experiência” [...] (KANT, 2014). Em profundidade, quer dizer que os nossos sentidos são afetados quando experimentamos e somos de certa forma, levados e transformados por uma prática, cada vez mais intensa, como um convite urgente e necessário para, não só atualizar os conhecimentos já

adquiridos, mas ordenar essa participação em um caminho ou rota, rito importante do processo digital.

Neste sentido, a mídia, como o **Ser** no sentido heideggeriano (HEIDEGGER, 2013) e como atividade humana, pressupõe antes de tudo um entendimento não somente como vivência, mas também como vida teórica, não equivalendo exatamente, mas se contrapondo à ideia de vida prática. É neste sentido que Kant alerta que todo conhecimento se inicia com a experiência, mas nem tudo deriva dela.

Portanto, nosso propósito maior será o de pensar os produtos midiáticos criados a partir de bases e estruturas ramificadas digitais que transitam em diversos espaços simultaneamente, sem intervalo de tempo e que são uma reconfiguração adaptada às problemáticas temporais e espaciais resultantes desse mesmo processo. Impõe-se repensar os vários sentidos do conceito de mídia, juntamente com as novas articulações nas culturas das mídias digitais para avaliar o alcance e os limites desse *topos* contemporâneo. Os procedimentos inter, multi e transdisciplinar das mídias e conseqüentemente das culturas produzem, por seu excesso, dificuldades de apreensão de sentido tanto para profissionais de mercado como para acadêmicos. Deste modo, tanto os profissionais de mídia, que utilizam as linguagens digitais quanto os que as têm como objeto de pesquisa e ensino, necessitam de bases teóricas para fundamentar projetos capazes de acompanhar, por meio de suas práticas, as permanentes mutações. A contração do tempo e a obsolescência precoce das tecnologias contemporâneas dificultam - e requerem - a compreensão de sua natureza na percepção e elaboração do conhecimento crítico das novas mídias. Esses processos contribuem para a construção de

culturas carregadas de um tecnicismo marcante que necessitam de aprofundadas análises e avaliações permanentes.

Os múltiplos aspectos que envolvem as práticas digitais são discutidos em suas diversas dimensões, seja teórica, histórica, linguística e metodológica, efetivando criticamente reflexões em torno do tempo especial vivido pela experiência colocada em prática como um todo. As reflexões sobre as linguagens digitais na contemporaneidade complementam e identificam o lugar da técnica, não somente em relação às mídias, mas também quanto à sua importância como descrição das noções fundamentais no processo de compreensão da técnica e de sua influência.

Neste universo em que afirmações são compartilhadas por todas as pessoas as posições sobre as atividades técnicas, mercadológicas e profissionais, são consensuais, culminando com a interface nas pesquisas realizadas, abarcando o ensino, suas práticas e os estudos teóricos. Prega-se neste momento a necessidade de se rever e se pensar os princípios éticos no que diz respeito ao compromisso de que os estudos tenham, de maneira geral, com o seu público que poderá se comportar de maneira maravilhada (integrada) ou apocalíptica. Trata-se de uma emergência que diz respeito à liberdade e dever crítico necessário a todo tipo de revolução, mais ainda às tecnológicas.

Nestes processos emergenciais, incluem-se as questões ideológicas que forjam outros tipos de apropriações, outras formas de fazer, outros saberes e, mais ainda, outros modos coletivos de criação ou ordenação de informações, nas várias produções midiáticas digitais sejam elas textos verbais, não verbais ou imagéticos e mistos. É a arte que se hibridiza em informação e entretenimento que se transforma de maneira genérica em cultura, em seus vários sentidos: do ético, do

bem comum, da verdade, princípios fundamentais de uma sociedade aparentemente mais feliz.

As diferentes instâncias, públicas ou privadas, face à revolução tecnológica também enfrentam os mesmos dilemas que começam pela falta de aprofundamento de ideias que reflitam os novos usos, revelando criticamente a adoção de teorias desgastadas, que carregam ranços de outros contextos geopolíticos e temporais. Desse modo, ambas as instâncias necessitam de atualizações e adaptações, que se aproximam das práticas antropofágicas e mais ainda, de novos modelos que justifiquem esse mundo em revolução, que aglutinam as mídias e seus segmentos como estratégias, linguagem.

Os estudos dos processos relacionados à digitalização ocupam espaço privilegiado na área multidisciplinar, pois lidam com as práticas midiáticas em múltiplos ambientes. Trata-se do amadurecimento de processos digitais, tendo as noções fundamentais de produção e de tecnologia que acompanham o homem, traduzidas nas suas relações com a máquina. Deste processo, os dilemas teóricos que surgiram na transição do século passado para este novo, obrigaram a todos a repensar as práticas e teorias já consolidadas - ponte verdadeira entre mercado e academia.

No audiovisual, por exemplo, a fotografia, o rádio, o cinema, a televisão, incluindo as mídias sonoras e suas relações com as mídias sociais, discute-se o momento presente, promissor tecnologicamente, mas igualmente carente de novos paradigmas teóricos e metodológicos. De certo modo, enfrentam-se as mesmas contradições e dilemas de uma área em plena e contínua expansão: os problemas são os mesmos e a passagem pela encruzilhada tecnológica fornece muito material para pesquisas relacionadas à linguagem e também à técnica.

Quando se fala em multimídia, em ambientes multimidiáticos, nos remetemos basicamente às discussões fundamentais, em várias dimensões da técnica nos estudos da mídia atual, constatando que estas exigem uma atualização constante. Basta lembrar os conceitos de “Tecnologia”, “Técnica”, “Máquina criadora”, entre outros, para historicamente vincular a revolução vivida hoje com os problemas enfrentados nas últimas décadas do século passado.

Nomes de pioneiros como Marshall McLuhan (1974) são retomados simbolicamente como modelo, tendo como propósito a tomada de consciência do tamanho da revolução à nossa volta, os níveis de implicações nas pesquisas em geral bem como sua amplitude que busca respostas teóricas e metodológicas.

Neste aspecto, as aplicações das tecnologias na América Latina enfrentam questões espinhosas que segundo Álvaro Vieira Pinto, envolvem certo homem maravilhado, a cidadania, as minorias étnicas e de gênero, as dimensões e diversidades étnicas e culturais e espaciais e os discursos ideológicos local, regional e global (2005).

Demasiado complexo o universo gerado por múltiplas preocupações findam por tornarem as questões temáticas aqui apresentadas de grande responsabilidade.

Em nosso contexto, os latino-americanos viveram durante décadas sob a égide de pesquisadores deste e de outros continentes, que se tornaram referências também únicas e modelos igualmente únicos. É de nossa responsabilidade encontrar outros caminhos teóricos, descobrir ou trazer à luz autores que fazem pesquisas e teorizam, buscam dialogar com as questões vividas e compartilhadas por todo o continente, sem cair no vazio de usar sempre os mesmos conceitos alienígenas sem deglutição, adaptação e amadurecimento.

Como já temos dito com certa constância, as teorias das mídias digitais ainda não encontraram seu próprio caminho. Vivemos a síndrome da “servidão voluntária” às autoridades estadunidenses, canadenses e europeias. A constatação é óbvia: nós não nos lemos e, não nos conhecemos. O que parece reverberar a voz e o canto que afirmam que o Brasil não conhece o Brasil.

Enfrentamentos - Mediações

Parece haver uma crise geral no reconhecimento das questões contemporâneas importantes, provocando a fuga ao autorreconhecimento. De maneira quase geral, pesquisas caem sempre em um vazio mortal. São esquecidas e sequer lidas por nossos pares. Sofremos do complexo de Montezuma, sentimos uma atração vertiginosa e incontrolável pelo outro - seja quem for - que venha de fora. Não se trata de reivindicar xenofobia – passemos muito longe disso, mas de buscar diacrônica e sincronicamente justificativas em nossas raízes para o que somos ou para o que queremos ser ou escolheremos não ser. É este o propósito deste trabalho.

Temos mitos, história, ritos, autores: cultura em vários sentidos, inclusive o tecnológico com “apocalípticos ou integrados” ou os dois juntos.

Neste texto se engendra uma vontade de pensar e organizar os trabalhos, compartilhar as ideias, somando-se às tentativas de conceituar, mídia que visa também reinserir o saber teórico no prático, a responder a necessidade do conhecimento objetivo. Algo como o personagem de André Gide em seus *Moedeiros Falsos* ao dizer que somente os romancistas colocam ponto final. Na vida, tudo sempre continua: as mesmas repetições, mesmos autores, até as mesmices dos lugares comuns. Abstrair o que existe e formar uma consciência para além da própria mídia, lembrando que sem contemplação os objetos desaparecem

de maneira fugaz e dificulta as apreensões das coisas que nos cercam. O que apresentamos é parte sucinta dos primeiros resultados que empreendemos, especialmente, sobre as Mídias e os processos Digitais, pensados de maneira específica, mas interligadas de maneira inevitável às linguagens digitais, fazendo obviamente as necessárias intersecções com a filosofia da técnica.

A sua justificativa dá-se em função da premente necessidade de se pensar o fenômeno midiático que, por meio das práticas digitais ganham outras relevâncias e projetam novas dinâmicas com efervescência motivada, principalmente, pela constante oferta de novos dispositivos produzidos pelas atualizações tecnológicas na atualidade. Agregamos alguns autores em torno dos temas, alertando que este é o resultado de um primeiro limite ainda tímido de nossas preocupações.

Outra ênfase deste trabalho são os conceitos de técnica e prática e de suas relações intrincadas com os processos tecnológicos que explicitam as dificuldades a serem enfrentadas em função de inúmeras experiências, da diversidade de análise e abordagens autorais. Neste aspecto há a hipótese de que os processos digitais, em suas dinâmicas próprias, podem e devem ser repensados a partir de elementos que surgem de uma intensa troca, justificando a vivência da prática digital para a atualização dos conceitos como resultados dessas mesmas experiências, envolvendo as relações sociais e humanas consideradas como um grande laboratório, como processo complexo e dinâmico de trocas interativas, cognitivas, espirituais, emocionais e afetivas propiciadas pela técnica.

A definição de mídia como transporte de informação e como linguagem, em suas relações com os fins essenciais da prática humana, pressupostos na definição de que a tecnologia, em sua dinâmica, pode ser compreendida também como questão filosófica, pois os fenômenos das trocas no processo midiático são

imperceptíveis por sua condição subjacente nestas mesmas relações, combinando aspectos culturais, temporais e subjetivos, resultado da apropriação das tecnologias e de como são compreendidas e percebidas.

De outro modo, a partir da introdução de tecnologias, de início, a revolução industrial, pensada em seus vários estágios, ao inserir técnicas de produção e reprodução de diversos produtos, inclusive de imagens artísticas, com suas máquinas reprodutoras e também mediadoras, pode-se perceber a erupção de outras formas de construção de culturas, outros condicionamentos, outras capacidades de significações, nos sentidos social, político e econômico. É deste modo que entendemos a técnica como sistema de cultura que possa representar as finalidades máximas da tecnofilia e justificar politicamente a tecnofobia.

Assim, a dificuldade de se definir o conceito de razão técnica como processos subjetivos e delicados de percepção, instigou-nos a repensar a mídia digital como linguagens autogeradoras de sentidos indeterminados, sígnicos e imprevisíveis que provocam rupturas nos conceitos já desgastados pelos usos, suscitando a transcendência para o novo: o mundo mental seria parte de outro mundo diverso, e o percebido silencia-se no universo solitário e particular. O digital também seria parte de um processo mental.

Impossível não ressaltar nas discussões sobre o digital a técnica dentro da técnica como uma das grandes contribuições que consiste na ideia de que a linguagem atua constantemente como *medium*, isto é, como tradutora e mediadora das experiências humanas, não somente na transferência de conhecimento, mas também na participação imediata de um Ser conectado com o outro, pois assim é possível compreender o que se exprime, pondo-se de acordo com a linguagem. Desse modo, objetivando conectar consciente e inconscientemente fluxos de

informação.

As experiências vão além da mera reprodução abarcada pela linguagem, também indicam as condições em que se realizam qualquer mecanismo de linguagem como entendimento prático. Por outro lado, linguagem pressupõe também fórmulas numéricas tradutoras de sentido de um contexto para o outro. É nesse ponto que acrescentamos a necessidade de atualização dos principais conceitos que resultaram desta nova ordem tecnológica, quando se preconiza a necessidade do domínio não só dos códigos, mas também dos avanços que de uma forma ou de outra alteram os modos e usos práticos. Mesmo assim, ao usar a linguagem como mídia, em conexões, pressupõem fluxos, trocas, compartilhamentos de conhecimentos e de experiências entre os interlocutores.

Esse debate pode se dar em várias etapas que envolvem decisões dedicadas na conceituação de mídia, implicando certa reiluminação nos processos. Neste sentido, pode-se dizer juntamente com Gadamer (2005) que a linguagem é o *medium* universal que desenvolve, aprimora e elabora a compreensão de informações, seja na forma escrita, oral ou por imagens, mantendo observância na inclusão de seus usos e costumes.

Assim, cada mídia desenvolve sua própria linguagem, isto é, reconverte os textos em linguagem, que podem ser classificados como “consciência compreensiva” realizada através do que foi compartilhado, incluindo neste processo a ideia da intervenção tecnológica e de sua relevância nos meios massivos.

Deste modo, a linguagem organiza a sua possibilidade mediadora que torna concreto o próprio sentido do que foi compartilhado. Por isso mesmo, pode-se dizer que por mais eficaz que a tecnologia seja, ela é uma reconstrução matemática

digital das intenções apenas como tentativa de serem plenamente atingidas, pois os processos mentais de ordenação e seleção geraram possibilidades em grau infinito, tais como os digitais, mas isso não quer dizer que o resultado seja positivo de modo absoluto.

Neste contexto tecnológico, os atuais sistemas como, tendo como exemplo a complexidade da tecnologia móvel, com todas as suas potencialidades que somadas a Internet se impõem como bases digitais que ocupam um espaço importante nos estudos dos fenômenos midiáticos.

Por outro lado, o fenômeno da Interação midiática não se restringe a uma trajetória linear entre o fluxo da informação e as possibilidades de conexão. Esta não é mais uma mera transferência, mas seu resultado instantâneo e imprevisto admite ser pensado também como mistério ou como fenômeno inexplicável. Não se pode, portanto, reduzir a conexão à simples transferência ou tradução digital. Mesmo diante de argumentos sólidos conceitua-se a interação tecnológica como o resultado de “um conjunto de técnicas de que dispõe uma determinada sociedade em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento” (VIEIRA PINTO, p. 220). Neste sentido, independente de se ampliar discussões sobre os vários conceitos de homem, máquina, técnica e tecnologia, o mais importante é compreender os problemas relacionados aos aparatos ou extensões tecnológicas. É possível argumentar, pensar e enfatizar o fenômeno físico e o social articulando-os às múltiplas dimensões e funções ou protocolos. Lembremo-nos que Shannon, como engenheiro empregado de uma companhia telefônica, teve como objetivo principal a melhoria de qualidade da transmissão do enunciado do falante ao receptor, independente do conteúdo. Desse modo, acreditamos que “a teoria matemática” deste autor deveria estar mais bem situada, de maneira mais apropriada no

contexto midiático atual e afirmar seu lugar de destaque nas tentativas de atualizar a definição de mídia.

Assim, Independente de quaisquer protocolos conceituais, a tecnologia está relacionada à outra construção da realidade em que os valores das conexões e trocas de informações e interações estão relacionados de maneira forjada, algoritmicamente à reconstrução que cada um faz sobre si mesmo e do mundo. Por isso, impõe-se buscar um sentido que poderá ser visto como filosofia da técnica, provocando reflexões críticas sobre o processo objetivo, direção necessária à conceituação, sem qualquer tipo de mistério.

Neste contexto, um dos propósitos centrais é pensar em processos que sistematizem as reflexões conceituais de Vieira Pinto (2005) sobre as tecnologias, justificadas por ele como um processo seletivo e maduro muito particular de ideias antigas e novas, como aquilo que é constituído como um saber necessário, vale dizer, como fundamentação mais elaborada e sólida as concepções sobre o tema, sem cair em ingenuidades. Portanto, este ato de fundamentação está interligado à distinção entre questões tecnológicas da atualidade como crença em uma nova história e também com o surgimento da cibernética e das máquinas processadoras de inteligências. E neste sentido mais categórico afirmamos: não é possível discutir na atualidade, sem levar em conta as categorias dialéticas do Ter e do Haver, apontadas por Álvaro Vieira Pinto como aspectos importantes no desenvolvimento da razão técnica, reflexo da construção da razão teórica, incluindo o caráter simultâneo, contínuo e descontínuo da tecnologia (p. 522).

Faz-se necessário, neste sentido, ainda, discutir e reexaminar os conceitos de mídia em face de “era tecnológica digital”, fazendo aparecer ideologicamente a figura importante de certo homem conectado com as supermáquinas, que permeia

as relações econômicas, interpessoais e afetivas. E desta conexão começa a compreensão e aceitação da máquina como sistemas filosóficos práticos que trazem novas perspectivas de ver esses objetos como pensantes, criadores e independentes de manipulação humana. A partir desse avanço tecnológico surgem também abordagens novas para explicar fenômenos das relações humanas com as máquinas de diversos modos, por exemplo, analisar o funcionamento da mente humana e do sistema nervoso central, comparado aos softwares, impregnando-os com algoritmos que adquirem a capacidade de conhecer a individualidade dos seres humanos, entre outras tentativas. Assim, muitas atividades cerebrais humanas como a memorização e manipulação foram transferidas para as máquinas e justificadas como economia, facilidade e comodidade no armazenamento. Fundamentalmente, pouco importa saber os aspectos qualitativos e quantitativos daquilo que foi armazenado e memorizado, o quanto foi esquecido e ainda o custo de tudo isto. Este processo não está dissociado da indústria, da tecnologia, da informação e da mídia. E, a ampliação da potencialidade humana, como causa e efeito, mudou o modo de entender as complexidades dos processos sociais. Há um total controle das informações e das pessoas, por meio dos algoritmos. De maneira estratégica, as pessoas são submergidas cotidianamente por informações em quantidade acima de seus limites. Alega-se o direito de gerar e também o de difundir informações. No entanto, há ainda o direito de recebê-las, mas há também o de não recebê-las. É neste sentido que a Sociedade da Informação parece estar reduzida às relações econômicas.

Neste contexto cultural, pode-se argumentar com a Lev Manovich (2005) sobre a possibilidade de se fazer uma síntese da mídia com o software como simples imposição do mercado que tem leis, além de direitos, ambos estabelecidos

pelas instituições. Por isso mesmo é que recorremos às ideias hermenêuticas (GADAMER, 2005) para afirmar que a linguagem é também mídia devido a sua natureza processual e pragmática. É na linguagem que os atos ganham formas e sentidos. Por isso, os sentidos de operar e compartilhar, serem classificados como mídia e como obra social. E é nesta mesma obra que torna a comunidade culturalmente forte, resistente, por exemplo, à reificação mercantil, não obedecendo a qualquer lógica econômica, institucional ou técnica. Os procedimentos elaborados pelas comunidades sociais criam vínculos, impõem limites, mostram divergências. No entanto, existe uma dinâmica na criação de regras que rompe continuamente com os limites. Seria lícito afirmar que as tecnologias não acompanham todos esses acontecimentos culturais em comunidade, resultando na dificuldade de se definir de maneira enfática e com segurança o conceito de mídia.

A comunidade e a mídia são constituídas por indivíduos e máquinas, e não ao contrário, mas a segunda se faz necessária para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos, multiplicando as comunidades de maneira ilimitada. Por outro lado, o contexto, a cultura e a comunidade em que se encontra a mídia desempenham papel importante, pois criam e transformam os contextos e projetam as relações entre contextos e cultura. É neste sentido que nos interessa discutir, no contexto digital e tecnológico a linguagem como mídia, aproximando o conceito de linguagem ao conceito de conversa no sentido hermenêutico, em um processo contínuo que evolui também de maneira contínua, criando novas possibilidades a partir de como as pessoas a praticam. A linguagem é, de maneira abstrata, composta de múltiplos jogos sógnicos com sentidos próprios e que caracterizam múltiplas comunidades e formas de vida do próprio homem que é a

mídia (MCLUHAN, 1974). Assim, conectar e compartilhar são apropriações tecnológicas para dinamizar as práticas. E somente assim, se consegue atingir os objetivos que são os de tornar comum, por meio desses jogos que delimitam e regulam os processos.

Discutir a tecnologia como simples transferência que ocorre através do uso obriga-nos a retomar o debate a respeito do momento crucial da revolução tecnológica, caracterizada pela obsolescência da técnica nos contextos físico-espacial ou organizativo-social. Neste processo, há uma dependência da cultura do compartilhamento devido, principalmente, a seu caráter dinâmico, processual e autorreferencial.

É neste sentido que podemos afirmar que as práticas tecnológico-midiáticas conectadas em rede criam comunidades, colocam os seus participantes em estado de sincronismo, criam identidade coletiva, distinguindo quem participa ou não. E a comunidade toma forma, cria limites e sentido. É a cultura que engloba as pessoas na comunidade e não há limites e nem identidades no processo. Por isso mesmo, a linguagem modelada pela tecnologia só ganha sentido dentro de uma comunidade, pois cria comunidade, não somente cria, mas multiplica as comunidades e ao multiplicar as comunidades cria novas formas de conexões, interações e trocas, como se pode observar, hoje, com o incremento das facilitações para os enlaces entre os indivíduos, podem ser até mesmo pertencentes a comunidades distintas.

Acrescentando mais alguns argumentos a essa mesma discussão, é importante afirmar que as comunidades são constituídas de individualidades, pois a tecnologia como mídia e linguagem se fazem essenciais para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos sociais, multiplicando

ilimitadamente as comunidades em que participa (NANCY, 1992). De que maneira estes processos que criam, multiplicam, e dão forma poderiam ser pensados como propostas teóricas diretamente ligadas às mídias?

Da discussão acerca dos conceitos vários circundados pelas Tecnologias podem vir contribuições teóricas e metodológicas para se pensar a as questões contemporâneas, com seus desdobramentos multidisciplinares e intertextuais.

Neste jogo cultural-tecnológico, percebe-se um processo ativo e profundo. Impõe-se refletir sobre todo o processo, que sem esse exercício, torna-se difícil pensar as interações e trocas. Os múltiplos sentidos gerados pelas relações sociais no processo de apropriação de tecnologias não resolvem os problemas. No entanto, as teorias podem esclarecer e justificar as dúvidas. Nesta perspectiva há, primeiramente, a necessidade de entender o que está sendo construído como cultura. Encontrar significados divergentes diz respeito às dificuldades de se ver o que está próximo temporal e espacialmente. Pouco importa se a linguagem organizada e veiculada desprende-se das intenções, ganhou autonomia. O que seria fazer uma crítica, tendo como base um pensamento que aponte caminhos ou proponha roteiros que levem aos conceitos e teorias. Verifica-se que há um abismo entre o novo e o obsoleto. Não há controle das práticas e em que elas redundam.

Portanto, reconhece-se a dificuldade em lidar e pensar o contemporâneo no sentido teórico. Seria possível esclarecer parte das dúvidas nesta corrida sempre em direção ao novo? A tarefa é objetiva e ao mesmo tempo ativa. A pesquisa dá vida às práticas cotidianas e ao mesmo tempo, de modo claro, tenta encontrar respostas circunstanciais. E nessa procura de respostas, propõe-se preencher as brechas possíveis. Há, portanto, uma tomada de consciência dos limites materiais de se ligar com máquinas processadoras de atividades intelectuais, por exemplo.

Por outro lado, como prever os resultados dessa relação entre homem e máquina inevitável no mundo contemporâneo?

Se as ações, os acontecimentos e as experiências humanas estão imbricados nos processos tecnológicos, torna-se imperioso tomar cuidado para não se fechar em apressadas conclusões, diante de verdades parciais de que tudo se liquefaz tanto teoricamente como nos modos de pensar o cotidiano, em decorrência de modelos midiáticos impostos pelas tecnologias e forjados pelas práticas. Há forças, alheias a este processo, que, ao se imporem, transformam tudo em um verdadeiro jogo. A dimensão objetiva dos processos com seus elementos estruturantes transformam-se em uma base, mas não é suficiente para fornecer segurança, validar e justificar propostas teóricas, tendo como entrave os próprios pesquisadores acostumados com ideias alienígenas importadas. Por este motivo, não se pode falar em ideias autônomas: a materialidade do discurso de autoridade científica só tem validade porque repete os propósitos e as emergências internacionais.

Neste aspecto, o conceito de teorias, projeto que levanta discussões técnico-midiáticas esclarecedoras, é, na verdade, uma dinâmica sequencial envolvendo e abrindo caminhos a uma completa conexão em constante diálogo, como base para determinar o sentido e entender a mídia como conceito.

Na tentativa de se encontrar um conceito de mídia e explicitar uma teoria que dialogue com a tecnologia, incluindo a memória, sem esquecer objetivamente da tradição e da historicidade que estas tentativas de construção de conceitos comportam. O contexto contemporâneo é rico em elementos que ajudam a estabelecer procedimentos metodológicos de abordagem tecnológica. Deve haver sim, um esforço para superar as resistências. É neste sentido que a mídia enquanto

técnica deveria ser entendida e fundamentada nas filosofias, especialmente na prática.

Não se deve esquecer outra influência importante da hermenêutica que é o de difundir a memória como o elemento diferencial das ciências humanas em relação às ciências da natureza. A ideia é fundamentar o estudo em um processo rigoroso nas ciências humanas por meio de mediações tecnológicas, ligando os vários universos, as várias culturas, as várias vivências, na supressão das distâncias contidas nas práticas tecnológicas de conexão e compartilhamentos de experiências e de visão de mundo.

Desse modo, acreditamos que a importância dos processos midiáticos encontra-se no fato de direcionar o pensamento humano, centrando-o na atualização por meio das práticas que impõem automaticamente a atualização dos conceitos. A presença de pensadores como Heidegger em um projeto teórico provoca uma radicalização no tratamento do tema do Ser como mídia e como compreensão e razão tecnológicas.

Heidegger (2013) vê na tecnologia uma volta humana à natureza como um processo possibilitado pela intensificação racional que marcará definitivamente os caminhos e as mudanças em seu pensamento filosófico sobre o Ser. Nesta importância fundamental está a dinâmica dos fluxos que fornece parte das bases para possíveis teorias das mídias. O Ser – aí compreende, mas também se faz compreender em um processo intenso de diálogo que se projeta no mundo como vivência e que faz o elo entre a tecnologia com os vários momentos do **Ser** no tempo.

Este mesmo elo dialoga com as estruturas prévias já sedimentadas e que fazem parte de um conhecimento acumulado. Por exemplo, a mídia é um jogo com

regras mutantes e o campo desse jogo é formado por elementos técnicos, culturais, sígnicos e histórico-linguísticos.

É dessa interação que poderíamos aplicar a ideia hermenêutica de fusão de horizontes à mídia de maneira geral, pois, envolve uma pluralidade de elementos que orientam a compreensão e apropriação das tecnologias.

Difícil não associar todo esse processo às mídias, pois, o caráter institucional tão caro politicamente às comunidades se repete na necessidade das tecnologias, independente do número de pessoas e comunidades envolvidas.

Os horizontes, os universos culturais se misturam e se interpenetram tecnologicamente. Por isso, faz-se necessário levar em conta os repertórios de vida, de acontecimentos e mundo que formam e determinam as modulações, obedecendo às condições particulares de cada horizonte que se interceptam. As tecnologias envolvem as estruturas prévias que, na verdade, são indispensáveis para se participar do jogo técnico-midiático.

Perceber os limites do universo de cada participante desse mesmo jogo é uma tarefa delicada e sensível. E nesse esforço de compartilhamento que entram no jogo das conexões cruzadas, os nós das redes que atuam como condutores nas trocas repertoriais necessárias, repetindo o modelo racional nos espaços virtuais. Mesmo assim, o objetivo como projeto tecnológico não descarta, mas ameniza o subjetivo.

Embora seja necessário que se faça a distinção entre objetivo e subjetivo, é desse jogo midiático que surgem novas justificativas teóricas nascidas das tentativas, correção e autocorreção dos pressupostos.

Toda invenção tecnológica, em sua circularidade, é uma realização própria inesgotável das possibilidades de sentidos daquilo que se tenta incluir, como as

repetições que fazem parte das regras do jogo midiático. O sentido das práticas tecnológicas não se esgota, mas revela as possibilidades. É no sentido político que a tecnologia atua na organização de fluxos informacionais de maneira aberta e sofisticada, contribuindo para evitar qualquer tipo de arbitrariedade. O que está em jogo faz emergir o que precisa ser pensado e fundamentado como ideia, conceito e teoria, eliminando e superando as contradições que, com o intuito científico, superam as distâncias temporal e espacial presentes nos fluxos experimentados.

Portanto, de maneira específica, este estudo é também uma crítica à tecnologia como instrumento de dominação, incluindo a concepção do digital como técnica e como mídia, e ainda o caráter político da linguagem para além do instrumental.

Comentários circunstanciais e metodológicos

O conceito de Metáporo de Ciro Marcondes Filho (2010), pensado como uma saída às amarras metodológicas. O autor associa esta proposta de método de maneira direta à prisão contínua e repetitiva que obscurece as pesquisas, o conhecimento e a experiência, explicitando que a busca metodológica que acompanha a ciência no século XXI vem sofrendo os efeitos das teorias e métodos ineficazes do fabuloso desenvolvimento tecnológico e a solução está nos poros.

Estamos sempre fazendo passagens por meio de experimentações em experimentações, de teorias em teorias, mas foram esses mesmos movimentos que contribuíram para o novo trânsito midiático digital que é também produtor de subjetividades instáveis e fragmentadas, cuja práxis continuou dividindo o planeta em tecnófobos e tecnófilos. É neste sentido que devemos deixar de praticar acriticamente as mesmas e repetidas teorias, pensadas no século passado a provocar dúvidas quanto às suas justificativas e aplicabilidade no século atual. No

entanto, a ciência como o acúmulo de conhecimentos e experiências revela a essência do ser humano que caminha em uma determinada direção em que há um saber adquirido, através da práxis, acumulado pelas vivências, verificado não só na herança cultural e na tradição, mas acima de tudo na necessidade de teorias e métodos novos que pensem esse saber subjetivo e instável e mostrem caminhos científicos para a experiência.

Ainda não é possível avaliar em que dimensão se encontram os conceitos e as teorias existentes ou, por outro lado, se esta busca por novas poderia justificar a tentativa de delimitar os “objetos” ou substitutos de objetos, mesmo considerando ser interminável a tarefa do pesquisador que é a de determinar o objeto, no contexto contemporâneo da práxis como aplicação da ciência, pressupondo também na escolha e decisão, o caráter infinito de ciência que, se contrapõe ao imediato da práxis. É neste sentido que a ciência não é mais a essência do saber sobre o mundo e o ser humano. A ciência moderna se traduz em experiência (POSTMAN, 1994).

O propósito de ultrapassar a estreiteza dos preconceitos já é, em si, a tentativa de se abrir para o outro, encontrar no outro a fusão de horizontes, a troca de experiências que se dão “verdadeiramente” na mídia e no diálogo mediado de maneira mais artil. Nesse intercâmbio, há o acordo com consenso, mas com desfecho ainda ignorado comportando aventuras e riscos com final imprevisível.

Em sua essência, o diálogo com a tecnologia se constitui em um processo amplo de atualização dos conceitos aplicados às linguagens eletrônicas (digitais ou analógicas) também aos objetos tecnológicos, ampliando ainda mais o espaço de troca entre mundos, realidades e horizontes.

Especificamente no caso brasileiro e também da América Latina para falar de teorias, faz-se necessário fazer um levantamento, abordando as intrincadas

questões históricas e culturais que são também, acima de tudo, questões políticas. Por exemplo, as mídias de massa, em sua quase totalidade, estão inseridas em um jogo político com funções determinadas, ainda que negadas peremptoriamente. Negação essa que nada mais é do que fruto de cumplicidade. São as contradições latino-americanas que precisam, dialeticamente, ser estudadas para que os conceitos e teorias comecem a ganhar forma, a fazer justiça ao sentido grego da palavra *Theoria* que, vista de modo ampliado, quer dizer cortejo, ritual organizado com muitos participantes com a finalidade de justificar as práticas tecnológico-midiáticas (CAUQUELIN, 2005).

E neste sentido, há urgência de cultivar, cultivar e pensar as práticas juntamente com os instrumentos críticos que possibilitem enxergar o *aliens*, o alheio, o estranho, mas também dominador e enfeitiçador, como o colorido das miçangas trocadas em um processo contínuo de colonização.

Estamos sob a ação de fetiches – alienados e encantados que somos, há que se desencantar para de novo voltar a se reencantar. No Brasil e América Latina, as coisas são e não são ao mesmo tempo: o “Nonada” de João Guimarães Rosa. Algo próximo ao realismo mágico de Gabriel García Márquez, restando buscar respostas que poderão estar na arte, na literatura, na cultura, na poesia e na política que, na atualidade e contexto geográfico, deveria retomar os ideais políticos e refazer o convite de Feuerbach ao ativismo revolucionário do século passado.

Considerações transitórias, sem pontos finais metodológicos

Tornou-se necessário retomar os estudos que tratam da história da ciência, quando discutem os acontecimentos científicos colocados em sequência ou deslocados de seus contextos, mostrando as crises, enfatizando mais ainda o surgimento constante de tecnologias que sempre exigiram também uma

atualização constante dos conceitos. No entanto, é importante salientar que a história da ciência não se constitui somente do acúmulo de tecnologias, de práticas, de ideias e de conceitos que amadureceram em teorias.

Portanto, como resultado dos avanços tecnológicos as questões midiáticas trazem à luz elementos que provam a herança dos iluministas que, por sua vez, retomaram Platão e Aristóteles quando propõem o uso livre da razão e do intelecto que viria a determinar a cultura do século XX, juntamente com o mundo da técnica, seus desdobramentos relacionados à informação, conhecimento e contradições.

Assim, é através das aporias que se enfatiza que a informação e a técnica não acarretam em si mesmas o aumento do conhecimento, mas provocam rupturas nos modos de acesso, conexão e compartilhamento, gerando uma crise que ganha muita relevância com a revolução digital, o computador e a Internet. Estas discussões são necessárias para se pensar as tecnologias hoje, incluindo, obviamente, os conceitos de memória artificial aplicada às de mídias de massa com implicações metodológicas e limitação na construção de sentidos.

O tema da memória e da construção de sentidos é pertinente como ciência não somente na sociedade da informação com suas redes sociais e máquinas de memória capazes de registrar, transmitir e memorizar tudo, mas também como processos culturais automatizados e insuperáveis, quando comparados ao mundo da informação impressa que não conseguia uma atualização instantânea como fazem atualmente as redes sociais.

No entanto, os suportes materiais fazem e sempre fizeram esse mesmo papel: armazenar, prolongar e reter a memória humana, pois, diante da necessidade constante de atualização, se percebeu, inevitavelmente, os limites da memória humana ao se fazer usos dos objetos, por exemplo, a arte e sua

capacidade de reter e transmitir informações em vários níveis, especialmente estéticas.

Neste sentido, as mídias nesses processos constantes de atualizações, trocas e compartilhamentos teria a tarefa de provocar interpretações em seus múltiplos sentidos e, mais ainda, instituir diálogos face a face para não se restringir aos virtuais tecnológicos.

Assim, como tarefa dialógico-interpretativa, voltamos ao filósofo Hans-George Gadamer, quando este faz colocações sobre o método científico e a necessidade de isenção de preconceitos, devendo-se travar uma luta constante contra a generalização apressada, típica da natureza humana. Neste sentido, deve-se também ter muito cuidado com estes estados na observação, com atenção especial às ideias recebidas da cultura, e ainda cuidados e precisão no uso da linguagem. Por fim, chama atenção para necessidade de se desenvolver experiências específicas para atender às interrogações científicas de pesquisa, justificando que todo o processo é um processo de linguagem.

Quando discutimos as teorias e os fatos que as acompanham as revoluções tecnológicas, nega-se qualquer lógica nas descobertas científicas. Pode-se valer de todos os recursos disponíveis: *insights*, intuição, imaginação e observações controladas.

Fazer uma leitura atenta da profusão de discussões foi uma atividade constante deste trabalho que se centrava no entendimento, conhecimento e sedimentação da mídia como um todo, agora com ênfases nas tecnologias. Metodologicamente, existe uma relação estreita entre Ser, mídia e cultura. Poderíamos dizer tratar-se de uma imbricação perceptível nas práticas e nas conexões e trocas, e inclusive nos conceitos.

Por isso mesmo é que Edward Hall (1977) estabelece uma grande tríade composta de estados de consciência relacionados diretamente aos conhecimentos e práticas formais, informais e técnicas que, por sua vez, se desdobram em efeitos que se ligam estreitamente a essas mesmas categorias, completando os vários sentidos nas relações humanas diretas como a própria essência da mídia.

Dessa relação triádica, repensada como, tecnologia, mídia e cultura, é que se busca reunir as diferenças culturais nos processos midiáticos divididos entre países e regiões com suas especificidades e ainda como justificativas teóricas e práticas das mídias digitais, com todas as suas contradições observáveis no século atual. Não se pode esquecer de ressaltar, por exemplo, a aproximação da hermenêutica com os estudos da mídia contemporânea que associou a linguagem à mídia como resultado das experiências e condições concretizadas nas traduções, atualizações e transposições das técnicas, visando sempre o Outro e as comunidades. São as ideias da filosofia prática gadameriana a estabelecer ligações em vias diretas com as definições do conceito de mídia.

Estas discussões travadas no contexto da contemporaneidade do século passado abriram caminhos teóricos e metodológicos frente às relações de pensamento, linguagem e reprodução do “real” inconstante. Portanto, a essência deste trabalho é transpor os sentidos das revoluções tecnológicas para o fim da segunda década do século atual e apreender os efeitos da apropriação tecnológica, justificada nas teorias do diálogo, da compreensão e da interpretação. É a conexão tecnológica do Eu com o Outro e deste último com as comunidades em um processo de interação constante, que na verdade poderá ser a mídia.

Referências

- Cauquelin, A. (2005). Teorias da arte. São Paulo, Martins Fontes.
- Heidegger, M. (2013). Ontologia: (Hermenêutica da Faticidade). Petrópolis-RJ, Vozes.
- Gadamer, H.-G. (2005). Verdade e Método. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária S.Francisco. (2v.).
- Gillespie, T. (2013). The relevance of algorithms. Media Technologies: Essays on communication, materiality, and society. Cambridge. Disponível em: <<http://governingalgorithms.org/wp-content/uploads/2013/05/1-paper-gillespie.pdf>>. Acesso em 20/5/2020.
- Hall, E. T.; Hall, M. R. (1990). *Understanding cultural differences: germans, french and americans*. Yarmouth, Maine/USA: Intercultural Press.
- Hall, E. T. (1977). *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- Kant, I. (2014). Crítica da Razão Pura. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Manovich, L. (2005). El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital. Buenos Aires: Paidós Comunicación.
- Marcondes Filho, C. (2010). O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III: tomo V. São Paulo, Paulus.
- McLuhan, M. (1974). Os meios de comunicação com extensões do homem. São Paulo, Cultrix.
- Nancy, J. L. (1992). La comunità Inoperosa. Nápoles: Cronopio.
- Postman, N. (1994). Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel.
- Postman, N. (1992). Technopoly: the surrender of culture to technology. Nova Iorque: Vintage Books.
- Vieira Pinto, A. (2005). O conceito de tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto.